

Eunice mora no penúltimo andar

arte **Aline Daka**

roteiro **Seraphim Pietroforte**

Correga



D135

Daka, Aline; Pietroforte, Seraphim
Eunice mora no penúltimo andar / Aline Daka
e Seraphim Pietroforte – São Paulo: Córrego,
2019.

68 p.; 21 × 29,7 cm

ISBN 978-85-7039-XXX-X

1. Ficção e contos brasileiros. 2. Literatura brasileira.

I. Daka, Aline. II. Pietroforte, Seraphim.

III. Título.

CDD 869.3

Roteiro *Seraphim Pietroforte*

Arte *Aline Daka*

Editora Córrego
Rua Araújo 355 ap 31
Centro São Paulo SP
01220-020
editoracorrego.com.br

Sobre linhas tênues e hediondas

Em literatura e arte me instigam as ambiguidades, os subterrâneos, os temas obscuros e perigosos do imaginário humano que nos fazem tremer a alma. Quando Seraphim Pietroforte me convidou para ilustrar essa HQ, com seu atraente e generoso roteiro, me senti provocada a desafiar alguns paradigmas, a sair de lugares-comuns, tais como o fato das mulheres geralmente não ilustrarem obras eróticas masculinas, talvez por óbvios contrastes de experiências e imaginários, mas muitas vezes, penso eu, pelo risco de assumirem-se como autoras envolvidas com tais temas. O que eu também confio como uma questão de segurança, de autocuidado, melhor dizendo. Isso quando pensamos nos tipos de agressões e mal-entendidos que podem provocar esse tipo de trabalho no contato com um público conservador, que deseja ver sempre a sua (castradora) sexualidade moralmente espelhada e que não sabe o que é uma ficção. Também penso que, em se tratando de artistas que trabalham com temas femininos, como eu, dificilmente se encararia um projeto que apresentasse um olhar a tal

ponto diferenciado sobre um tema tão delicado como o da violência contra a mulher, preferindo sempre uma clareza de ideias para evitar o que chamamos de "contraditório". Pois bem, deixo-me escapar de qualquer clichê ou ideologia rasa para focar numa arte mais sombria, para justamente exercitar os limites do prazer e da dor, tal como Guido Crepax o fez nos quadrinhos, com Valentina, Justine, Bianca, Anita, dentre outras, e que me encanta. Penso nos desafios que posso ter como autora numa criação artística que produz uma beleza estranha com as figuras das mulheres, e doravante, com ares de comédia, ainda que seja de negro humor. Isso tudo para mostrar algumas linhas tênues e hediondas da sexualidade humana escrita e desenhada em quadrinhos. E estamos falando de uma criação em parceria e em que, tanto eu quanto Pietroforte, nos disponibilizamos a ficcionalizar essas provocações nos limites de uma diversão e como, digamos, pequenas vinganças (assustadoramente) mais perturbadoras que qualquer material mais didático ou ideológico. E contra a mentalidade totalitária e dogmática que nos aterroriza. E que vinganças seriam essas? Penso em Georges Bataille quando escreveu sobre a literatura de Emily Brönte, ressaltando que a intensidade

da paixão na emoção literária pode não ser coerente, pois uma experiência mística em arte pode se abrir à impulsos mais violentos, perturbadores e desconexos, conduzindo as fantasias do mal e dos pesadelos humanos para fora da necessidade de reconhecimento. A literatura aí passa a ser o lugar sagrado onde as paixões humanas escapam, mas não livres das maldições. Guardo comigo também referências como *A condessa sangrenta*, obra recriada por Alejandra Pizarnik de um livro de Valentine Penrose sobre Elizabeth Bathory, e em que a crueldade das mulheres é o exercício de uma beleza convulsiva, violenta e surrealista. Esse tom que beira o terror e que eu in-tensiono com o meu traço expressionista no roteiro sadomasoquista de Pietroforte, denuncia a sensação que tive ao exercer o meu olhar neste trabalho. O que nos é assegurado pela figura bizarra do macaquinho, que apresenta a crueldade do instinto animal humano que, voyeur, em meio ao escandaloso fetiche, se acaba. Para terminar, eu pergunto ao/á leitor/a, com quem você se identificaria nessa história toda? ■

Aline Daka

Eunice entrelinhas

Eunice Mora no *Penúltimo Andar*, com arte de Aline Daka e roteiro de Seraphim Pietroforte, inaugura o ano de 2018 no Selo PIU!.

Aline é ilustradora, pesquisadora e educadora; autora da dissertação de mestrado em quadrinhos *Mulheres Caídas: cacografias na educação*; já publicou ilustrações e HQs em revistas de arte e literatura; participou de diversas exposições como *Mulheres Caídas*, na Galeria Hipotética, em 2018; ministra oficinas de arte em espaços públicos periodicamente; em 2019 atua como educadora em *arteterapia* na Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro.

Seraphim Pietroforte é professor pelo Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo; um dos responsáveis pela pós-graduação em Criação Literária da FFLCH-USP; publicou, por editoras independentes, ensaios semióticos, contos; romances; poesia; antologias poéticas; a HQ *Menthalos*, juntamente com o artista Jozz, e, no ano de 2017, organizou a reedição de *As Aventuras de Glaucomix*, de Glauco Mattoso e Francisco Marcatti, por este selo.

De início, é preciso salientar a importância de *Eunice Mora no Penúltimo Andar* diante de cenário temeroso: em

que [os e AS] praticantes são caluniados (as), censurados (as) por posicionamentos que reafirmam as seculares repressões e vigilâncias patriarcais, em plena segunda década do século XXI, sobre a liberdade sexual. São poucos os que discutem tal minoria sem cair no campo da desinformação e/ou da chacota fetichista, como apresentados por meios de comunicação de massa – séries de TV, livros, cinema – que normalmente recriam estereótipos.

Não há necessidade de esforço do intelecto para separar nosso mundo da dos ineptos, basta expor as aguçadas disposições do acrônimo nos trabalhos de Mike Patton, *frontman* da banda *Faith No More*, desde a letra do single *Song of Liberty*, de 1983, passando por clipes comerciais como em *A Small Victory*, até os shows com a utilização de *gimp mask* em seus convidados e *ballgag* pelo próprio vocalista, para ver como itens eróticos são introduzidos de forma astuciosamente implícita, por conta da coerção advinda do pensamento reacionário, mostrando-o tal como é: arte que não se alia à lógica do patriarcado. E nem é preciso detalhar que estamos falando de um dos nomes mais importantes da contracultura fonográfica contemporânea, mente criativa em diversas bandas experimentais como *Mr. Bungle*, *Mondo*

Cane, Fantômas, Tomahawk, Peeping Tom, Maldoror, Hemophiliac e apadrinhado por nada menos que John Zorn. Para falar sobre contracultura, parto de outro nome importante, Glauco Mattoso, um dos maiores poetas e críticos literários brasileiros, declaradamente um podólatra masoquista, que em 1981, no livro *O que é Poesia Marginal*, lançado pela Editora Brasiliense, esclarece como a cultura oficial é baseada em uma tendência geral de conservação da ordem pelas classes dominantes, e daí um controle da cultura que passa por diversos níveis como – e principalmente – a de massa. Assim como Patton, Glauco se encontra no *underground* que seria, nesse panorama de dominação, segundo ele, uma “contestação a nível cultural, isto é, comportamental [...] pela afirmação de valores alternativos (droga, sexo, rock, gíria) que dentro da sociedade de consumo são reprimidos ou explorados comercialmente”. Do mesmo modo que Patton e Glauco, Daka e Pietroforte contestam o comportamento das classes dominantes, produzem já na perspectiva de publicação em meios alternativos, como internet e *fanzines* custeados pelos próprios autores, graças à liberdade criativa possibilitada por essas mídias e, do mesmo modo, pelo interesse em fazer o quadrinho facilmente circular

no país por meio de celulares, eventos regionais, entre outros.

<< Eunice me fez lembrar da artista à frente de seu tempo: Isadora Duncan >>. São com essas palavras em mente que li a HQ *Eunice* e passo a explorá-la, logo quando a bailarina Juliana, com os pés descalços, apresenta-se. A partir dessa interpretação, das muitas outras possíveis, a história em quadrinhos de Daka e Pietroforte dialoga com as expressões artísticas da dança, das línguas e da música – os passos, a melodia, a poesia concreta. Como *museion* da era grega, as páginas passam e, diante de nova intervenção divina, a Musa Flora, a narrativa despe o altar – o rito se oferece aos olhos do leitor mais atento.

Para expor essa cerimônia, proponho discutir certo recorte na obra: o corpo como outra personagem principal, cuja narrativa se baseia na repetição, expondo singularidades do uso a cada utilização, em duas frentes: (1) o corpo físico e (2) o corpo sonoro. Mas por que tal atenção evidente?

Estamos falando de um quadrinho que discute o mundo BDSM tal como ele é – um ritual. Sadomasoquismo e *bondage* são atos consensuais que seguem certas formalidades com ininterrupto diálogo entre o eu e o tu. A estrutura dos procedimentos do BDSM é cuidado-

samente abordada nos sistemas verbo e imagem, expressão que se apresenta nos registros das cenas das percussões, nas da cigarra de metal ou nas de *bondage* – cada índice sonoro e físico a mostrar a sintonia necessária para uma ação harmoniosa; o prazer está no foco dos pés desnudos da *flaneur* Eunice, nos limites do corpo durante o ato sexual e da prática da música do baterista anônimo – atos que esperam o mínimo índice negativo que seja para cessar.

O (a) sério (a) praticante BDSM tem o compromisso com tais sensações corpóreas – o tato e a audição possuem extrema importância no cerimonial, a todo momento há uma supervisão mútua, um diálogo que aproxima os interagentes.

Além disso, fica claro em *Eunice* que a inventividade é tópico central das relações, como na passagem “Mas para Eunice... A única coisa concreta são seus desejos... E sua imaginação fértil...”, nesse momento o texto parece chamar o leitor ao engenho. A história pratica o diálogo que apresenta, a alucinação é estabelecida em sua narrativa, resultando no *thauma* (espanto) do leitor. Eunice e Juliana, as personagens principais, podem representar a sado e a masoquista, a dominatrix e dominada, contudo não respectivamente.

Outras reminiscências podem emergir da leitura: a cigarra, na cultura clássica, consagrada ao deus Apolo como símbolo da música e da canção; a ficção científica no homem-robô; a reverência, na cultura Hindu, em retirar os calçados antes de entrar nos Templos e assim por diante.

Por fim, de forma sensível e inteligente, há apenas uma violação em *Eunice*: a da gravidade (uma das forças fundamentais existentes na natureza que regem o cotidiano) – apresentada na fala da tradutora “Vi meu apartamento distante, com as luzes apagadas”, cuja imagem sonial do salto entre a torre mais alta da cidade ao seu prédio parece instigar o leitor à Lei da Gravitação Universal –. Tem-se tal movimento baseado, no fim de tudo, em uma atração entre os corpos de Juliana e de Eunice, mostrando que são regidos pelas mesmas forças? Se sim, esse mundo onírico é capaz de desobedecer qualquer *tradição* universal. ■

Lilli Ferreira



EM ALGUM MOMENTO, NUM FUTURO PRÓXIMO,
JULIANA, UMA PROMISSORA DANÇARINA, ...

...MORA NA COBERTURA
DE UM ARRANHA-CÉLI.



DOIS ANDARES ABAIXO, VIVE
UM BATERISTA.

TODO DIA, AO CAIR DA TARDE, ELE TOCA
UM GROOVE DIFERENTE...



QUANDO ELE COMEÇA A TOCAR...

ELA DANÇA.



NAQUELE DIA, PORÉM...



POUCOS MINUTOS ANTES DA BATERIA...



JULIANA PENSOU TER OLVIDO SOAR A CAMPAINHA.



DESCE AS ESCADAS DO APARTAMENTO DUPLEX PARA CONFERIR...



ATRAVÉS DO OLHO MÁGICO, NÃO VÊ NINGUÉM...



JULIANA NÃO SABE SE ABRE OU NÃO ABRE A PORTA.



EU SOU O HOMEM ROBÔ



VIM BUSCAR VOCÊ

VOCÊ VAI SER TRANSFORMADA

... E NO ESPAÇO

VOU MODIFICAR SEU LUGAR NO TEMPO...



ENQUANTO ISSO...

NO APARTAMENTO DE BAIXO...

EUNICE CHEGA DO TRABALHO.



E
ACEITEI
TRABALHAR
NAQUELA
EDITORIA
...

NÃO
ACREDITO
...
ELE VAI
COMEÇAR
....

MALDITA
HORA
EM QUE
VIM MORAR
AQUI
...

EUNICE MAL SE DÁ CONTA DE QUE HOJE
NÃO HÁ DANÇA SOBRE SUA CABEÇA.

HÁ APENAS UM RECADO
NA SECRETÁRIA ELETRÔNICA...



O CONVITE ANÔNIMO PARA UMA
EXPOSIÇÃO DE POESIA CONCRETA.

ABAIXO DELA...



O BATERISTA...

TUDO CONCERTO
É UMA MISSA...

TAM TA TAM TA
TAM TA TAM TA
TAM TA TAM TA



PING TAM TA
TAM TA TAM TA
PING TAM BUM

MAS PARA EUNICE...

...A ÚNICA COISA CONCRETA SÃO SEUS DESEJOS...

E SUA IMAGINAÇÃO FÉRTIL...

EUNICE É FORMADA EM LETRAS, DOMINA 12 LÍNGUAS COM FACILIDADE.

ENTRETANTO, IMERSA EM SEUS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS...

NUNCA TEVE TEMPO PARA AS PESSOAS AO SEU REDOR.





ENQUANTO JULIANA, NO ANDAR DE CIMA, OBSERVA OS MOVIMENTOS DO HOMEM ROBÔ...



EUNICE CAMINHA PARA A LIBERDADE.

A GALERIA...

POR QUE TODOS ESTÃO ME OLHANDO?

ONDE FICA MESMO A GALERIA? ...



TUDO QUE É SÓLIDO SE DESMANCHA NO AR...

MENOS O HOMEM ROBÔ.



ELE NÃO É SIMPLEMENTE FRUTO DA TECNOLOGIA.

EMBORA AINDA SOFRA ESSA DIMENSÃO HUMANA...

...SERÁ CAPAZ DE SUPERÁ-LA.



VOCE ESTÁ PROGRAMADA PARA DANÇAR...

RESTA SABER:





ESTÁ PROGRAMADA...

...PARA CONHECER O HOMEM ROBÔ?



SEU CORPO E SUA CASA
NUNCA MAIS SERÃO
OS MESMOS.



MINHA TECNOLOGIA
PODE MUDAR TUDO
RAPIDAMENTE.



QUE BOMBA,
ESTOU CHAPADA...

A RUA DA GALERIA...
DA EXPOSIÇÃO...

EU ACHO QUE
ME PERDI...

A RUA...
QUE RUA?



EU SOU O HOMEM ROBÔ.



A HUMANIDADE EVOLUI EM MIM.



DEPOIS DE PERAMBULAR
PELA CIDADE...

EUNICE PARECE
ENCONTRAR SEU
DESTINO...

QUANDO, FINALMENTE,
ELA SE DEPARA COM A
TORRE ALTA.



AGORA EU ME
LEMBRO... NUNCA
ESTIVE AQUI ANTES
...

JÁ SUBI TANTO...
E AINDA FALTA
MUITO...

AVANTE EUNICE,
ESPERO VALER A
PENHA...



A EVOLUÇÃO É MÚSICA.

O HOMEM ROBÔ DEVE
AFINAR A HUMANA.

AFINAÇÃO COMPLETADA.



RESISTIR É INÚTIL.



NO ÚLTIMO ANDAR DA TORRE ALTA, EUNICE SE DEPARA COM CORREDORES ESTREITOS...

NÃO HÁ NINGUÉM POR PERTO... NENHUM SINAL DA GALERIA...

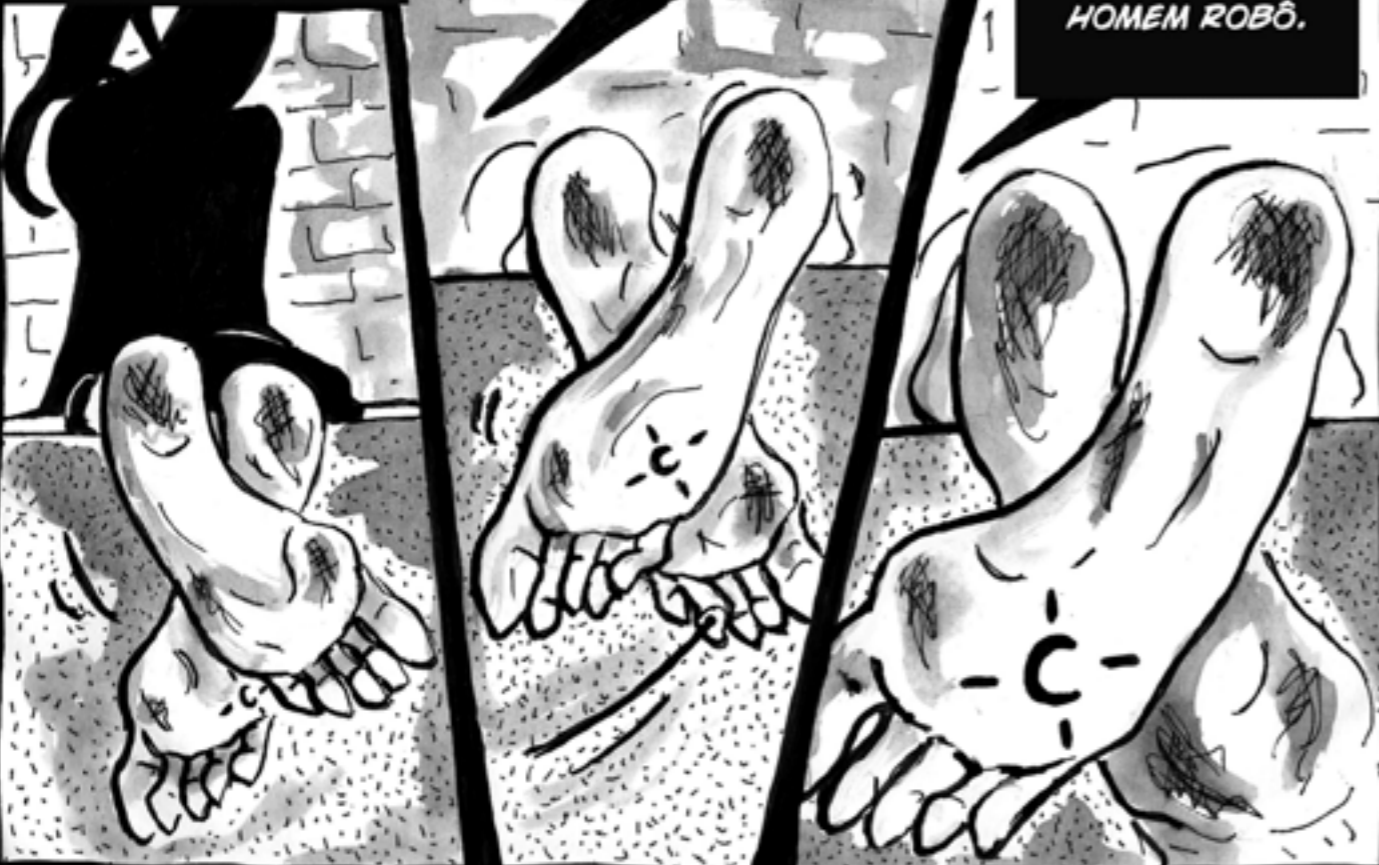
ESTARIA ELA PERDIDA NOVAMENTE?



EM OUTRA COBERTURA, JULIANA SE DESMANCHA NO AR?

SERÁ IMPOSSÍVEL FUGIR...

DEPOIS DE CONHECER O HOMEM ROBÔ.



POR FIM, ATRÁS DA ÚNICA PORTA QUE SURTIU DIANTE DE EUNICE, NENHUM SINAL DA GALERIA; A EXPOSIÇÃO ERAM CINCO DAMAS, NO TOPO DA TORRE ALTA, FUMANDO SKUNK E HAXIXE COMPULSIVAMENTE.





QUER FUMAR CONOSCO?



ADORAMOS SEU ESTILO...



...ADORAMOS SUAS TRADIÇÕES.

ENQUANTO EUNICE FUMA COM SUAS NOVAS AMIGAS, JULIANA, APÓS ALGUM TEMPO FORA DE SI, VOLTA A SER PROCURADA PELO HOMEM ROBÔ.



OS OLHOS BIÔNICOS DO HOMEM ROBÔ SÃO TELESCÓPICOS.

HÁ TEMPOS O HOMEM ROBÔ OBSERVA VOCÊ DANÇAR.

VOCÊ DANÇA NA CABEÇA DELE TODAS AS NOITES. O TEMPO PARA É O ÚNICO LUGAR NO MUNDO É AQUELE POR ONDE VOCÊ PASSA...

POR QUE VOCÊ VEIO ATÉ AQUI?
...
O QUE QUÊR COMIGO?
...



EU VIM PARA
TE DESMONTAR.

SEU CORPO DE
CARBONO ESTÁ
REFLETIDO NA
PLANTA DOS PÉS.

VOU
DESMONTAR
VOCÊ ATRAVÉS
DELAS...

FINALMENTE ELAS ME DEIXARAM
EM PAZ.

ELAS SABIAM TUDO DE MIM,
HAVIAM LIDO TODAS AS MINHAS
TRADIÇÕES.

PRECISO FUGIR
DAQUI...

... E DAS MINHAS AGULHAS.

AGORA, MAL PARECEM ME NOTAR,
MAS, HORAS ATRÁS...

COM CONVERSAS MACIAS,
FORAM SE APROXIMANDO...

E CONSEGUIRAM ME
DOMINAR.



PERDI A CONTA DAS CHICOTADAS...

DEPOIS, ME AMARRARAM
NUMA POSIÇÃO ESTRANHA...

SOPRARAM FUMO AO REDOR,
E DENTRO DE MIM...

ENLOUQUECIDA, PUDE VER A
CIGARRA DE METAL, QUASE
UM ROBÔ...

QUANTO DESLEIXO,
EUNICE, SAIR NA RUA
DESCALÇA...

DESCALÇA E SEM AS
ROUPAS DE BAIXO...

VOCÊ É LIMA PUTA, EUNICE.



SEUS PÉS ESTÃO IMUNDOS,
QUE VEXAME!!!

ELAS INTRODUZIRAM A CIGARRA DENTRO DE MIM...

PRECISO
FUGIR...



AS BOMBAS SÃO AGORA
CADA VEZ MAIORES...

A NEBLINA BASTA PARA
ME DEIXAR CHAPADA...

A PORTA DA
SALA SUMIU...



TEM ALGUÉM AÍ?

LIMA COLEÇÃO DE INSETOS!!!



MINHAS DOZE LÍNGUAS...
MAS O QUE É ISSO???

E DE LUZ...

O MAIS ESTRANHO
DE TUDO É A
CIGARRA: NÃO SINTO
DOR NEM AFLIÇÃO.
DESDE QUE ENTROI,
ELA COMEÇOU A
CANTAR, SINTO SUAS
ASAS BATENDO
DENTRO DE MIM.

A VIBRAÇÃO, QUE
NO INÍCIO ERA
QUASE UM
SOPRO, PARECE
CADA VEZ MAIS
FORTE...

OHNNNN

A NEBLINA... A CIGARRA... COMEÇEI A ALCUCINAR
COM AS FUMANTES... PRECISO ME CONCENTRAR...



SOU QUASE UM ROBÔ...

VIBRO EM ESTADO DE GRAÇA...



EM POUCOS INSTANTES, AS FUMANTES SE MULTIPLICARAM COMO NÚMEROS PARES. VENÉREAS, QUASE CANCERÍGENAS... QUASE QUE EU ME DISTRAIO, BUSCANDO CONTÁ-LAS... ALÉM DO MAIS HAVIA A MÚSICA, AS FRUTAS, OS PERFUMES, AS FIGURAS DE TODAS AS AMANTES NUMA FIGURA SÓ... TUDO TÃO PERFEITO, TÃO ESFÉRICO, QUE ME LEMBREI DE MIM E DE QUE QUERIA FUGIR...



? ...



VENTO? ...



VENTO FRIO? ...



MAS NÃO HAVIA UMA SACADA ALI !!!



EU SABIA, UMA SACADA...



... E UMA ESCADA ESCONDIDA!!!



EU ESTAVA NO CLUBE DA TORRE MAIS ALTA DA CIDADE...

DAVA PARA VER TUDO...

VI MEU APARTAMENTO DISTANTE, COM AS LUZES APAGADAS...



ACIMA DELE, VI A LUZ ACESA DA COBERTURA.

NÃO ERA POSSÍVEL!!!

DE RELANCE EU VI, NUM DOS BARES DA TORRE, MEU VIZINHO BATERISTA...



POLCOS ANDARES ABAIXO DO TOPO, LÁ ESTAVA ELE E MAIS TRÊS MÚSICOS...

O MÚSICO MALDITO - MEU INFERNO DO ANDAR DE BAIXO - ...COMEÇARAM A TOCAR BEM ALTO...

UM QUARTETO ESTRANHO, O SAX-ALTO FAZIA CONTRA-PONTOS COM A CANTORA...



ELA TAMBÉM CONTRALTO... NÃO CONSEGUI RECONHECER A LÍNGUA DAS CANÇÕES...

A GUITARRA TINHA DEZ CORDAS, GUITARRA E BAIXO JUNTOS NUM SÓ MÚSICO...



PARECIAM EM TRANSE; SÓ EXISTIA A MÚSICA...

MAS A CIGARRA DENTRO DE MIM
CONHECIA TODAS AS NOTAS...
VIBROU COMO NUNCA!!!

QUANDO O CONCERTO
CHEGOU AO FIM, A ESCADA
TAMBÉM TERMINOU.

A LUZ DA
COBERTURA
...
É A LUZ ACESA
DA CASA DA
DANÇARINA!

...
PARECE TÃO
PERTO AGORA

...
SERÁ QUE EU
VOU ATÉ LÁ?

E AGORA?

EU PRECISO
ME CONCENTRAR
...



LIMA CLARABÓIA
...
É MINHA CHANCE
DE VOLTAR PARA
CASA.



MAS...
... O QUE ACONTECEU
LÁ EM BAIXO?
...



É A MINHA VIZINHA!!!



QUEM TERIA FEITO ISSO COM ELA? ...



INTRIGADA COM O QUE VÊ, EUNICE, CUIDADOSAMENTE, VAI AO ENCONTRO DE JULIANA.

click



A MOÇA DO ANDAR DE BAIXO?!



DE ONDE ELA VEIO?



NÃO TENHA MEDO DE MIM,
EU VOU TE SOLTAR...



QUEM FEZ ISSO COM
VOCÊ ? ...

FOI O
HOMEM ROBÔ...



A CIGARRA!!!



UM MONSTRO!!!
CUIDADO...



ELE É UM CIBORGUE DO MAL...

ELE VAI VOLTAR...
VAI FICAR COM
NÓS DUAS...

ENTÃO FIQUE QUIETA...
FALE MAIS BAIXO...

QUE CORPO
LINDO!!!!
DURINHO...
MACIO...



OHH

LIMA VEZ LIVRE, AO INVÉS DE FUGIR, JULIANA MOSTROU A EUNICE AS MARCAS DAS INTERVENÇÕES DO HOMEM ROBÔ.

Áii

QUE HISTÓRIA É ESSA DE HOMEM ROBÔ?

ESSAS MARCAS FORAM FEITAS POR ELA... ELA MESMA SE AMARRA E SE MACHUCA...



E ASSIM, JULIANA PASSEOU PELO ROSTO DE EUNICE COMO SE DANÇASSE.



EU VOU FUGIR DO HOMEM ROBÔ E VOU DEIXAR ESSA MOÇA NO MEU LUGAR ...





QUANDO NÃO SE DAVAM MAIS POR SI MESMAS, JULIANA FAZIA COM EUNICE O MESMO QUE EUNICE FAZIA COM JULIANA.

MAS NÃO DURANTE MUITO TEMPO...

COMO ELA É DOCE ... PARECE MEL...



MALUCA FILHA DA PUTA!!!
EU FUI ENGANADA!!!

JULIANA RETOMOU O TEMA DO HOMEM ROBÔ, DISSE QUE EUNICE SERIA SEU SACRIFÍCIO... SEM BEIJO DE DESPEDIDA, DESCEU AS ESCADAS E FUGIU.

TEM ALGUÉM
ME OBSERVANDO...
EU POSSO
SENTIR...



DURANTE A FUGA, PORÉM,
ALGO CONTECEU
COM JULIANA ...

DOIS ANDARES ABAIXO, ONDE
VIVE O BATERISTA, SOA AGORA
UM TIMBRE DIFERENTE...

JULIANA OLVIU, PELA
PRIMEIRA VEZ, QUE
ELE TOCAVA TABLA.



DHAGE NATI NAKA DHINA
DHAGE NATI NAKA DHINA

DHAGE NATI NAKA DHINA
DHAGE NATI NAKA DHINA

DHAGE NATI NAKA DHINA
DHAGE NATI NAKA DHINA



DHAGE NATI NAKA DHINA
DHAGE NATI NAKA DHINA

DHAGE NATI NAKA DHINA
DHAGE NATI NAKA DHINA

DHAGE NATI NAKA DHINA
DHAGE NATI NAKA DHINA



TI TI NA DHI NA DHI NA TI TI NA DHI NA DHI NA TI TI NA DHI NA DHI NA
TI TI NA DHI NA DHI NA TI TI NA DHI NA DHI NA TI TI NA DHI NA DHI NA



DEPOIS DE DANÇAR EXAUSTIVAMENTE
AO SOM DA BATERIA...

E ASSIM, JULIANA PERCEBEU
QUE, ENQUANTO DORMIA...



HAVIA UMA MÚSICA
QUE ELA AINDA
NÃO CONHECIA.

TI TI NA DHI NA DHI NA TI TI NA DHI NA DHI NA TI TI NA DHI NA DHI NA
TI TI NA DHI NA DHI NA TI TI NA DHI NA DHI NA TI TI NA DHI NA DHI NA



O SOM VINHA DE DOIS
ANDARES ABAIXO...

MAS, PARA ELA, PARECIA
QUE VINHA DE CIMA.

DISSO JULIANA TINHA CERTEZA.



DHIM DHIM DHAGUE TIRAKITA TU NA KAT TA DHAGE TIRAKITA DHIN NA
DHIM DHIM DHAGUE TIRAKITA TU NA KAT TA DHAGE TIRAKITA DHIN NA



QUANDO DEI POR SI, JULIANA ESTAVA
DIANTE DA PORTA DO MÚSICO.

NA ALVORADA, O SOM VINHA
DE TODOS OS LADOS.

AO ALCANCE DOS PÉS,
ELA RESOLVEU
ENTRAR, ...



DHA DHIN DHIN DHA DHA DHIN DHIN DHA DHA THIN THIN THA THA DHIN DHIN DHA
DHA DHIN DHIN DHA DHA DHIN DHIN DHA DHA THIN THIN THA THA DHIN DHIN DHA



GINA TETE TETE GINA TETE GINA TINA GENA TETE TETE GINA TETE TETE GINA TINA KENA
GINA TETE TETE GINA TETE GINA TINA GENA TETE TETE GINA TETE TETE GINA TINA KENA
GINA TETE TETE GINA TETE GINA TINA GENA TETE TETE GINA TETE TETE GINA TINA KENA
GINA TETE TETE GINA TETE GINA TINA GENA TETE TETE GINA TETE TETE GINA TINA KENA





MAL POSSO ESPERAR
POR ELE ...

O HOMEM ROBÔ GUARDA EM
PRINCÍPIO, OS GERMES DE
SUA PRÓPRIA RECONSTRUÇÃO.

EM SUA CABEÇA ESTÁ
O SEU SEGREDO ...

A PROGRAMAÇÃO DO
HOMEM ROBÔ.



NÃO SEI SE ELE PERCEBEU A TROCA ENTRE MIM E A VIZINHA...

OU FINGE NÃO
PERCEBER...



UM LANCE DE DADOS PARA O HOMEM ROBÔ.



OS DADOS DE TODOS OS TEMPOS NO CÉREBRO ELETRÔNICO.

O PARA-SER DO HOMEM ROBÔ...

O SEU ATO SEXUAL INTERMINÁVEL...



QUE A CADA DIA ESTÁ DIFERENTE...

FICA CADA VEZ MAIS ESTRANHO...



DEIXA DE SER SÓ HOMEM ROBÔ.



Posfácio

O interesse pela representação da sexualidade humana na arte me tornou leitora ávida de quadrinhos eróticos e posso eleger alguns artistas cujo trabalho admiro, tais como Georges Pichard, Milo Manara, Brão, dentre outros. Mesmo com grande apreço por suas obras, há nelas algo que sempre me incomodou, ou poderia eu dizer, algo que sinto falta enquanto leitora mulher: a representatividade; não posso me identificar e não me sinto representada por suas personagens femininas. Mulheres sem qualquer profundidade, muitas vezes sem nome e sem identidade servem às narrativas como objeto erótico dos personagens masculinos e leitores que, como propõe o gênero de obra, podem contemplá-las em cenas de sexo e nudez.

Logicamente nenhuma dessas personagens femininas poderia existir de fato, pois sequer possuem complexidade sexual; são reduzidas a objetos na narrativa. Examinando o discurso erótico através da arte é possível compreender como sexualidade é constituída no pensamento humano e em nosso modo de vida em sociedade. Nos quadrinhos citados, a sexualidade exaltada é a dos

homens; a mulher lhe serve como instrumento de prazer. Enquanto de outro lado, o atual déficit de quadrinhos eróticos com a perspectiva invertida – em que a mulher objetifica o homem e o corpo masculino – reflete a concepção patriarcal do sexo em nossa sociedade.

A luta das gerações anteriores pelo reconhecimento da mulher como indivíduo sensiente restaurou nossos direitos de cidadã tais como direito ao voto, ao estudo, à igualdade salarial e à participação intelectual na sociedade. A ideia de igualdade nos mostrou o quanto somos diferentes dos homens e, ao mesmo tempo, trouxe à nossa geração de mulheres a possibilidade de nos descrever para além dos estigmas patriarcalistas. Na natureza reencontramos nossos corpos femininos com nossos ciclos hormonais; nossos órgãos de prazer, nossas glândulas; e descobrimos a sexualidade feminina através da exploração de um corpo que é nosso mas cujo acesso à nos foi negado pelas proibições religiosas e moral patriarcal. Na cultura, encontramos a ideia de “mulher” como construto social de um tempo e das relações simbólicas geradas naquilo que é dito, ouvido e narrado em diferentes sociedades; na busca de nos reencontrar como mulheres, nos deparamos com narrativas exclusivamente masculinas sobre nós.

Em *Caravaggio* de Manara, por exemplo, todas as mulheres servem como musas do protagonista. Tudo o que sucede às personagens femininas são gatilhos às ações de Caravaggio. Anna e Fillide, as duas mulheres, transitam entre o mundo da prostituição em que são vendidas como objeto sexual e se espera que posem para a “Nossa Senhora” de Caravaggio, mais uma vez a objetificação característica da posição de modelo. Ou seja, narrativa sobre a injustiça cometida contra Anna é, na verdade, uma narrativa sobre luz e sombra em torno da personagem, não necessariamente sobre ela. Proposta interessante quando se trata de uma história sobre o pintor Caravaggio, mas justamente por tal razão, é ele somente quem retém a complexidade psicológica e não as moças. A psiquê de Anna é regida somente pelo desejo e pela admiração que sente pelo pintor.

O que mais gosto em quadrinhos como Eunice é ver a sexualidade feminina explorada por uma mulher que existe enquanto sujeito e não apenas objeto da narrativa. Eunice é uma personagem complexa com profundidade e traços psicológicos, diferente de uma imagem erótica para se olhar, como acontece nos quadrinhos masculinos. Ao contrário das mulheres nos quadri-

nhos masculinos, é ela quem explora o próprio corpo em um percurso no qual todo o universo de personagens e experiências passa a existir em função de seu prazer sexual.

Muito daquilo que é compreendido como ato sexual por mulheres tem origem no imaginário masculino; na ideia misógina de que sexo consiste em penetração, de que o motivador do prazer feminino é o homem com seu pênis, implicando a concepção de que a mulher precisa delegar a ele tudo aquilo que, na verdade, já pertence a ela. Nas ilustrações de Eunice encontramos uma sexualidade que é feminina, consiste na exploração do corpo, da pele, do tato, do clítoris e dos tecidos nervosos; se difere do erotismo masculino e subsiste estigmatizado como “preliminar” ao “real sexo”.

No livro *A psicologia de massas do fascismo*, Wilhem Reich explica que o sistema patriarcal no ocidente cristão se resguarda na associação psicológica do homem à ideia de “Pai todo poderoso” e da mulher à de “Mãe casta e bondosa”. É através desta mística que o fascismo ancora seu poder na repressão da natureza sexual. A condenação do sexo é pré-requisito psicológico básico para aceitação da lógica fascista que, por sua vez, substituirá os impulsos naturais do

sexo por impulsos secundários que lhe convierem. Diferente das sociedades primitivas, no ocidente patriarcal, o culto à família, o nacionalismo e a religião articulam em antítese ao culto do prazer, moldando o indivíduo através da repressão. A defesa contra o natural desejo orgástico força o ego a aceitar concepções de beleza e perfeição instauradas, produzindo indivíduos crédulos, sem capacidade de crítica, enquanto o sexo fica relegado ao submundo da clandestinidade, à subcultura dos bordéis e à indústria da pornografia.

Em “Eunice mora no penúltimo andar”, a personagem constrói um mito particular de busca pelo prazer. A fantasia surge a partir dos elementos materiais que o ambiente lhe dá; o percussionista sob seus pés e os pés da bailarina sobre sua cabeça fazem com que a protagonista viva um percurso místico em sua própria sexualidade. Caracteristicamente, o percurso iniciático místico consiste em um caminho de provas e ritos pelos quais um protagonista passa, iniciando-o no mistério; ele o começa sem “ter para si a luz da revelação” e sai dele detendo o conhecimento de outro mundo.

Eunice, enquanto se masturba, escapa do tempo – do trabalho, da casa, dos afazeres – e atravessa a cidade descalça

a caminho da liberdade. Depois de emboscada, ela é torturada, primeiro, pelas figuras fantásticas que introduzem a cigarra em sua vagina. A cigarra, símbolo do verão que aflora a sexualidade, canta dentro dela e bate as asas. Eunice então voa pela noite para dar de cara com Juliana, presa e torturada. Irmanadas em jogo sexual, as duas trocam de lugar e a partir daí, ela se torna a escrava do homem-robô que não tem corpo, é apenas o cérebro que a reprograma em uma tortura cada vez mais violenta. Assim como a tortura nunca se repete, Eunice jamais termina a mesma.

Ao criar sua própria mística, Eunice subverte a lógica sexual autoritária e o mito patriarcal fica relativizado pela mística pessoal da personagem. Em seu percurso ela explora o prazer em sua capacidade de “reprogramação” mental. Eunice adentra novo mundo em seu próprio corpo e diferentemente da erótica masculina, em que o sexo consiste unicamente em penetração e naquilo que diz respeito ao corpo do homem, ela se vê diante do universo fantástico de chicotadas, escoriações, bondage e agulhas que infligem o “prazer da dor”, compondo sua mística erótica particular. Na aventura da mente, um mundo novo lhe é desvelado, no qual o corpo é reencontrado através do intelecto. No

jogo, em vez da mente ocidental cristã que sabota e julga o sexo, a cultura está em função da natureza e a inteligência dedicada ao prazer.

Eunice está diante das possibilidades da mente e do corpo e pesquisa o prazer através da dor, da submissão e contrição do bondage, mas, diferente das mulheres dos quadrinhos masculinos, ela é o sujeito de sua trajetória, independente de como pratica sua sexualidade. É através do masoquismo que ela traça seu caminho em direção à sua contemplação ao prazer.

Culturalmente somos bombardeados por chavões como: “mulher gosta de carinho”. Afirmação verdadeira, porém problemática em sua incompletude, pois não só as mulheres, mas também homens gostam de se sentir amados, queridos e considerados. Uma sociedade que entende a mulher como um sexualmente e emocionalmente incompleta pressupõe que a excitação feminina se dá “naturalmente” através do carinho, do paparico, do romantismo e de todas as “questões do coração”. De modo que outras modalidades de sexo como a prática feminina do masoquismo são, muitas vezes, condenadas por “corromper a integridade” da mulher enquanto ser humano – uma vez que durante a performance sadomasoquis-

ta, seu corpo se encontra objetificado a serviço do(a) dominador(a) –. É nesse tipo de acusação, porém, que reside uma redução muito maior do sujeito feminino, uma vez a complexidade do fenômeno é julgada por aquilo que ele aparenta ser segundo ponto de vista externo e parcial.

Primeiramente, é fato que a ternura e a carícia são reconfortantes, mas também é fato que nem todos se sentem sexualmente excitados dessa maneira. Se para alguns, beijos românticos e declarações de amor soam eróticos, há conceitos de amor separado do afeto, não porque se trata de um ser apático ou cruel, mas porque não se excita sexualmente com essa ideia de “carinho”. A exploração de outras formas de excitação, portanto, não deveria ser encarada como desvio do padrão, mas como pesquisa pessoal por outros estímulos físicos, em que se pode incluir a dor, a contrição dos movimentos, cócegas, choque elétrico, disputa de força até a exaustão e tudo mais o que o sujeito desejar experimentar dentro do contexto do jogo, da segurança pela integridade física e do consentimento.

Assim, na arte erótica BDSM, nem tudo é de fato o que parece ser. Podemos lembrar o famoso quadro do pintor surrealista René Magritte: La trahi-

son des images, no qual a imagem de um cachimbo aparece pintada na tela e sob ele, a frase “Isso não é um cachimbo”. Ou seja, a imagem do quadro não se trata de um cachimbo, mas de uma imagem que associamos a cachimbo. Assim como o quadro de Magritte não é um cachimbo, a ideia de “abuso” sexual, físico e psicológico que comumente é relacionada à arte erótica violenta também não é violência, mas representação imagética do que comumente se compreenderia por violência e corresponde ao prazer que se obtêm experimentando adrenalina, medo e dor em um ambiente de segurança e conforto.

Eunice, a protagonista do quadrinho trabalha com literatura. Ela aprendeu doze línguas e é economicamente emancipada, mas logo no início da narrativa, fica clara a sua lida diária com prazos e responsabilidades. Ao contrário, portanto, do que popularmente se julga, para ela o percurso masoquista está longe de ser punição ou imposição, mas surge como um “brincar de”, um jogo no qual a imaginação liberta do “mundo real”.

Durante a prática sadomasoquista, aquele que ocupa a posição de dominador é obrigado a executar e conduzir a performance, mas a posição de submissão isenta o praticante de qualquer res-

ponsabilidade e o obriga a relaxar. Coagido fisicamente, está livre de qualquer tensão social que lhe exige imposição ou compromisso; não é encarregado de nada e está longe da necessidade de assumir atribuições de condutor ou liderança. Por algumas horas, durante o jogo, é obrigado a não ter responsabilidade. Nessa posição, o masoquista não é responsável nem por si mesmo; universo gira ao seu redor e ele se ocupa de sensações que lhe são compelidas, sejam combinadas ou fortuitas.

Assim como na história de Eunice, a prática masoquista objetifica o dominado e também o submisso, reduzindo-o às possibilidades físicas e imagéticas que ele oferece ao dominado durante o sexo. O fato, porém, é que para além do jogo imaginativo cada indivíduo, sádico ou masoquista, não é objeto, mas sujeito complexo com sua própria busca pelo prazer. Ao categorizar como “abusivas”, “gentis”, “misóginas” ou “feministas”, determinadas modalidades de sexo – simplesmente pelo que parecem ser – fica decidido por todas as mulheres, os padrões de moralidade aos quais devem se submeter. Como explicado anteriormente, o fascismo busca seu poder, na moralidade compulsiva. Da mesma forma que acontece na arte erótica masculina, nesse tipo de pressupos-

to a complexidade sexual de cada uma passa a ser ignorada e o indivíduo não é reconhecido como tal, mas seu corpo passa a ser objeto de presunção moral.

Como citado no início deste texto, na arte erótica sadomasoquista é comum a exaltação da sexualidade masculina, mas ainda se vê pouco do protagonismo feminino e muito menos representatividade no que concerne a mulher e os jogos sexuais. Basta gastar um tempo no estande de quadrinhos eróticos para ver que as masoquistas sempre são representadas como objeto das narrativas masculinas e raramente acontece o contrário.

Na representação erótica de Eunice, ao contrário da privação mística patriarcal, a sexualidade saudável propõe a exaltação do corpo e do sujeito, nunca sua degradação. Em uma sociedade em que a privação e a desvalorização dessa sexualidade se converteu em instrumento de poder, celebrar o prazer feminino e o autoconhecimento, independentemente da prática, é revolucionário. Por essa razão, cada mulher é uma Eunice em sua própria mística erótica, lutando para reconhecer como nosso o prazer e o corpo que já nos pertencem. ■

Maria Vitória Siviero

